



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

LARISSA FEITOSA DA SILVA

A FONTE JORNALÍSTICA COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O
DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA

Recife

2025

LARISSA FEITOSA DA SILVA

**A FONTE JORNALÍSTICA COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O
DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Artigo científico apresentado à Disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Orientador (a): Lucas Victor Silva

Recife

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE

Bibliotecário(a): Auxiliadora Cunha – CRB-4 1134

S586f

Silva, Larissa Feitosa da.

A fonte jornalística como recurso didático para o desenvolvimento do pensamento crítico no ensino de história: um relato de experiência / Larissa Feitosa da Silva. – Recife, 2026.

25 f.; il.

Orientador(a): Lucas Victor Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em História, Recife, BR-PE, 2026.

Inclui referências e anexo(s).

1. Jornais. 2. História - Estudo e ensino. 3. Pensamento crítico. 4. Programas de estágio 5. Educação básica. I. Silva, Lucas Victor, orient. II. Título

CDD 909

TERMO DE APROVAÇÃO

LARISSA FEITOSA DA SILVA

**A FONTE JORNALÍSTICA COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O
DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como pré-requisito da finalização da disciplina TCC II e obtenção de grau no Curso de Licenciatura Plena em História.

Prof. Dr. Lucas Victor Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de Educação

Prof. Dr. Kleber Clementino da Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de História

Prof. Dr. Aurélio de Moura Britto
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de História

Recife, 10 de fevereiro de 2026

Nossa tarefa como educadores não é a de reconhecer o talento criativo após sua expressão, mas antes, a de estimular o talento quando é ainda potencial e oferecer condições que irão facilitar o seu desenvolvimento e expressão.

(MacKinnon, 1959, apud Alencar, 2021)

A FONTE JORNALÍSTICA COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Larissa Feitosa da Silva¹

RESUMO

O ensino de História, para além da transmissão de conteúdos, deve favorecer o desenvolvimento do pensamento crítico e a formação cidadã dos estudantes. Nesse contexto, o uso de fontes jornalísticas pode se constituir como ferramenta pedagógica capaz de articular sensibilidade estética, criatividade e reflexão social. Este artigo apresenta um relato de experiência realizado no Estágio Supervisionado Obrigatório III (ESO III) do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), desenvolvido em 2023 na Escola Estadual Maria Teresa Corrêa, localizada no bairro do Alto José do Pinho, em Recife-PE. A intervenção pedagógica foi aplicada em turmas do 9º ano e fundamentada na pedagogia crítica de Paulo Freire (2011; 1975) e nas reflexões de Bell Hooks (2020) acerca do ensino engajado. A atividade consistiu na análise da imprensa negra durante a Primeira República e na produção de jornais pelos alunos, estimulando a reflexão sobre recursos literários utilizados como mecanismos de resistência frente às desigualdades sociais. Os resultados evidenciam que, apesar das limitações estruturais da escola, a utilização de jornais como fontes históricas possibilitou maior engajamento discente, desenvolvimento de autonomia e expressão crítica sobre a realidade vivida. Conclui-se que práticas pedagógicas baseadas na produção de narrativas históricas ampliam o potencial do ensino de História ao promoverem uma aprendizagem significativa e crítica, além de contribuírem para a formação docente durante os estágios supervisionados.

PALAVRAS-CHAVE: Jornais. História - Estudo e Ensino. Pensamento Crítico. Programas de Estágio. Educação Básica.

JOURNALISTIC SOURCES AS A DIDACTIC RESOURCES FOR DEVELOPING CRITICAL THINKING IN HISTORY TEACHING: AN EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT

The teaching of History, beyond the transmission of content, should promote the development of critical thinking and the civic formation of students. In this context, the use of journalistic sources can serve as a pedagogical tool capable of articulating aesthetic sensibility, creativity, and social reflection. This article presents an experience report carried out during the Mandatory Supervised Internship III (MSI III) of the History Teacher Education program at the Federal Rural University of Pernambuco (UFRPE), developed in 2023 at Maria Teresa Corrêa State School, located in the Alto José do Pinho neighborhood in Recife, Pernambuco. The pedagogical intervention was applied in 9th-grade classes and was grounded in Paulo Freire's critical pedagogy (2011; 1975) and in bell

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Trabalho de Conclusão de curso sob a orientação do Prof. Dr. Lucas Victor Silva.

hooks's (2020) reflections on engaged pedagogy. The activity consisted of analyzing the Black press during the First Republic and producing newspapers by the students, encouraging reflection on literary resources used as mechanisms of resistance in the face of social inequalities. The results show that, despite the school's structural limitations, the use of newspapers as historical sources enabled greater student engagement, the development of autonomy, and critical expression regarding their lived reality. It is concluded that pedagogical practices based on the production of historical narratives expand the potential of History teaching by promoting meaningful and critical learning, in addition to contributing to teacher education during supervised internships.

KEYWORDS: Newspapers. History - Study and Teaching. Critical Thinking. Internship Programs. Basic Education.

LAS FUENTES PERIODÍSTICAS COMO RECURSO DIDÁCTICO PARA EL DESARROLLO DEL PENSAMIENTO CRÍTICO EN LA ENSEÑANZA DE LA HISTORIA: UN RELATO DE EXPERIENCIA

RESUMEN: La enseñanza de la Historia, más allá de la transmisión de contenidos, debe favorecer el desarrollo del pensamiento crítico y la formación ciudadana de los estudiantes. En este contexto, el uso de fuentes periodísticas puede constituirse como una herramienta pedagógica capaz de articular sensibilidad estética, creatividad y reflexión social. Este artículo presenta un relato de experiencia realizado en la Práctica Supervisada Obligatoria III (ESO III) del curso de Licenciatura en Historia de la Universidad Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), desarrollado en 2023 en la Escuela Estadual Maria Teresa Corrêa, ubicada en el barrio de Alto José do Pinho, en Recife-PE. La intervención pedagógica se aplicó en grupos de 9.º año y se fundamentó en la pedagogía crítica de Paulo Freire (2011; 1975) y en las reflexiones de bell hooks (2020) sobre la enseñanza comprometida. La actividad consistió en el análisis de la prensa negra durante la Primera República y en la producción de periódicos por parte de los alumnos, estimulando la reflexión sobre los recursos literarios utilizados como mecanismos de resistencia frente a las desigualdades sociales. Los resultados evidencian que, a pesar de las limitaciones estructurales de la escuela, el uso de periódicos como fuentes históricas posibilitó un mayor compromiso estudiantil, el desarrollo de la autonomía y la expresión crítica sobre la realidad vivida. Se concluye que las prácticas pedagógicas basadas en la producción de narrativas históricas amplían el potencial de la enseñanza de la Historia al promover un aprendizaje significativo y crítico, además de contribuir a la formación docente durante las prácticas supervisadas.

PALABRAS CLAVE: Periódicos. Historia - Estudio y Docencia. Pensamiento crítico. Programas de pasantías. Educación Básica.

1.Introdução

Este trabalho se propõe a realizar uma análise descritiva e reflexiva a partir da experiência vivenciada durante o Estágio Supervisionado Obrigatório III (ESO III), realizado em 2023 na Escola Estadual Maria Teresa Corrêa, localizada no bairro do Alto José do Pinho, em Recife-PE. O

relato aqui apresentado descreve a atividade desenvolvida com turmas do 9º ano; durante intervenção realizada na aula interdisciplinar de História e Artes, fundamentada no estudo da imprensa negra como fonte histórica. Visando estimular a reflexão crítica sobre as desigualdades e resistências presentes na Primeira República, esta teve como conclusão uma oficina de produção de manchetes de jornal pelos estudantes. Os resultados obtidos demonstraram como o debate histórico aliado à ação da arte pode estimular diversas reflexões sobre os desafios enfrentados na atualidade e refletidos no cotidiano escolar, foram estes expressados pelos estudantes através da prática educativa.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho fundamenta-se em um relato de experiência, através da observação das práticas desenvolvidas em sala de aula e na análise das produções elaboradas pelos discentes, interpretadas como expressões de leitura crítica da realidade instigadas pela proposta artística e histórica trabalhada durante a aula. Os resultados obtidos evidenciam que o debate histórico, articulado à prática artística, possibilita a emergência de reflexões sobre problemáticas contemporâneas que atravessam o cotidiano escolar, como foi expressado pelos estudantes por meio da prática educativa proposta.

Diante de tais perspectivas, fomentamos dados considerados significativos para o desenvolvimento pedagógico e educacional. Do ponto de vista teórico, buscamos dialogar com as pedagogias de Paulo Freire (2011; 1975) e de bell hooks (2020), que defendem uma educação voltada à autonomia, à liberdade e à construção de sujeitos históricos conscientes. Do ponto de vista da teoria da História, buscamos dialogar com Jorn Rusen (2009).

Por meio dessas prerrogativas, objetivamos analisar a experiência, buscar refletir sobre os limites e possibilidades do uso de jornais no ensino de História, e sua relação com a prática e formação docente com referenciais teóricos da educação crítica. Isto posto, cabe pontuar que o presente artigo irá se estruturar buscando contemplar os aspectos supracitados.

Dessa forma, o presente artigo estrutura-se de modo a abordar, inicialmente, a importância do letramento jornalístico aliado ao letramento histórico para se ensinar História ou que implica no reconhecimento de si e do outro, como sujeitos históricos, bem como do mundo que o cerca e da relação estabelecida entre estes na trama da temporalidade.

Será explanada, ainda, a importância do uso de fontes históricas no ensino de História, bem como a instrumentalização metodológica para utilização de periódicos como fonte; neste sentido, por se tratar de um relato de uma experiência vivenciada, o texto buscará contextualizar historicamente, mencionando recorte espaço-temporal, a temática histórica abordada na prática

pedagógica do ESO que, no caso, foi o período da Primeira República no Brasil. Além disso, será debatida a importância da ludicidade no processo de ensino-aprendizagem, a partir de um detalhamento da oficina desenvolvida com os estudantes da Escola Estadual Maria Teresa Corrêa.

Por fim, serão apresentados os resultados obtidos, a partir da experiência relatada; e, desse modo, o papel do ensino de História no desenvolvimento do pensamento crítico e da consciência histórica será evidenciado, visto que, os discentes envolvidos na prática educativa em questão, puderam colocar-se no local de sujeitos críticos, analisando aspectos do cotidiano, especialmente escolar e, diante disso, posicionando-se e assumindo local social e histórico em suas próprias realidades.

A partir dessa experiência vivenciada, evidenciam-se dificuldades que podem transcender o recorte da experiência em si. Pois, o ensino- aprendizagem de História na educação básica brasileira enfrenta desafios relacionados tanto à falta de recursos materiais e estruturais quanto à necessidade de formar sujeitos críticos capazes de compreender o seu tempo e intervir na realidade. Mais do que transmitir conteúdos, compreendemos, neste trabalho, a prática do ensino da História pautada no objetivo de favorecer a construção de olhares reflexivos sobre os processos sociais, políticos e culturais que atravessam a vida cotidiana dos estudantes. Nesse sentido, a escola pode constituir-se como espaço de diálogo e desenvolvimento da autonomia, sobretudo em comunidades periféricas, nas quais as desigualdades sociais tornam ainda mais urgente o estímulo do pensamento crítico.

2.Uso da imprensa como fonte histórica: a construção da oficina

No fazer historiográfico, o uso de fontes históricas precisa ser feito com respaldo teórico e metodológico. No campo da heurística, cada tipografia de fontes demanda uma instrumentalização específica. Assim sendo, no que diz respeito ao uso da imprensa o processo não é diferente, no caso, mais especificamente dos jornais. Visto que, embora em sua origem a imprensa os contemplasse unicamente, no presente ela engloba todos os meios de comunicação de massa; entretanto, o relato em questão teve como objeto central da oficina desenvolvida o uso dos jornais, dentro do recorte histórico trabalhado, bem como a produção de manchetes pelos estudantes.

Cabe pontuar, prévia e brevemente, a importância das fontes históricas tanto para se construir a História, enquanto ciência, como para se ensiná-la; muito embora o ato de se ensinar História seja também um fazer historiográfico. Pois, os sujeitos da educação envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, são, antes de tudo, sujeitos históricos também.

Assim sendo, dialogando com o historiador Marc Bloch (2001), compreende-se que as fontes históricas são importantes por tratarem-se de vestígios deixados pelos seres humanos ao longo do tempo; Bloch os chama de testemunhas históricas por carregarem uma carga simbólica e material que permite que as historiadoras e os historiadores tenham contato com o passado. Muito embora este contato não seja com um passado “tal qual ele foi”, isto é, um passado intacto e neutro, mas sim com versões passíveis de inspeção e interpretação crítica e rigorosa à luz da historiografia.

À vista disso, alguns dos princípios basilares apresentados pela historiadora Tania Regina de Luca (2005) para instrumentalizar o uso dos periódicos são os seguintes: a necessidade de observar a materialidade do jornal, isto é, analisar os recursos verbais e não verbais e, ainda, o que está nas entrelinhas, pois tudo está posto com a intencionalidade de comunicar algo; verificar a divisão interna do jornal, suas seções e a estruturação de seu conteúdo, considerando que a posição de cada tópico, bem como o conteúdo que contempla, carregam discursos que precisam ser inspecionados de forma crítica durante uma pesquisa histórica; é importante, também, considerar a diacronia, a linguística histórica e a própria historicidade das palavras. Contemplar tais aspectos é assumir que, de fato, os vestígios históricos são testemunhas do passado e podem comunicar ao presente. Testemunhas, porém, não neutras, conforme supracitado. É justamente essa ausência de neutralidade que demanda rigor metodológico na análise.

Em sala de aula, é imprescindível que, ao usar uma fonte histórica, se deixe explícito o caráter não neutro das fontes, aí jaz a importância de uma inspeção instrumentalizada e crítica. Haja vista que os vestígios históricos abarcam contextos de muitas temporalidades, desde sua produção, à sua conservação e seu uso; com a imprensa, o processo não é diferente. Assim, “a História se abre como um imenso campo de possibilidades, demonstrando que o processo histórico não é linear, mas congrega muitas temporalidades” (CANO *et al*, 2012, p.23). A desconfiança epistemológica, portanto, é indispensável.

Isto posto, durante as práticas do Estágio Supervisionado III, antes de iniciar a parte conteudista, propriamente dita, ou seja, a discussão acerca da temática histórica que vinha sendo trabalhada pela docente da escola em questão, foi apresentada aos estudantes, de forma breve e objetiva como trabalhar com os jornais e realizar uma análise historiográfica, tomando-os como fonte.

Seguindo a etapa de instrumentalização do uso dos jornais como fonte histórica, deu-se início a discussão acerca do contexto histórico. Considerando que o conteúdo histórico abordado na prática pedagógica do ESO foi o período da Primeira República no Brasil, é importante apresentar

os pontos centrais que foram explanados durante a aula expositiva, dentro do eixo temático supracitado. Assim sendo, o princípio basilar trazido para debate, junto aos discentes, foi a virada do Império para a República e, dentro desse contexto, o uso da imprensa negra como forma de resistência. Foi explorado o contexto de formação da república, que antecedeu o processo de abolição e esteve arraigado por conflitos entre a igreja e os militares, ressaltando os ideais positivistas destes, bem como os desgostos com o regime imperial que partia de divergentes setores sociais.

Vale salientar que foi destacado o cenário de tentativa de “higienizar” a população brasileira, ausentando-a de uma participação ativa na proclamação. O que vai de encontro com a afirmação do historiador José Murilo de Carvalho: “O povo estava fora do roteiro da proclamação” (2017, p.56). E é justamente dessa exclusão que nasce a resistência popular e, destacadamente, negra; resistência que se manifestou de diversas formas, incluindo o uso dos jornais. Na oportunidade foram apresentados alguns jornais que circulavam na época, como forma de manifesto-crítico. O jornal ‘O Homem’ trazendo a manchete ‘realidade constitucional ou dissolução social’, que buscava questionar a exclusão do povo no processo da proclamação; ‘O Baluarte’, dedicando-se a ‘defesa da classe’, bem como se apresenta na titulação; por fim, o jornal ‘A Pátria’ homenageando os grandes abolicionistas.

Figura 1. Jornal- O Homem: Recife, 1876



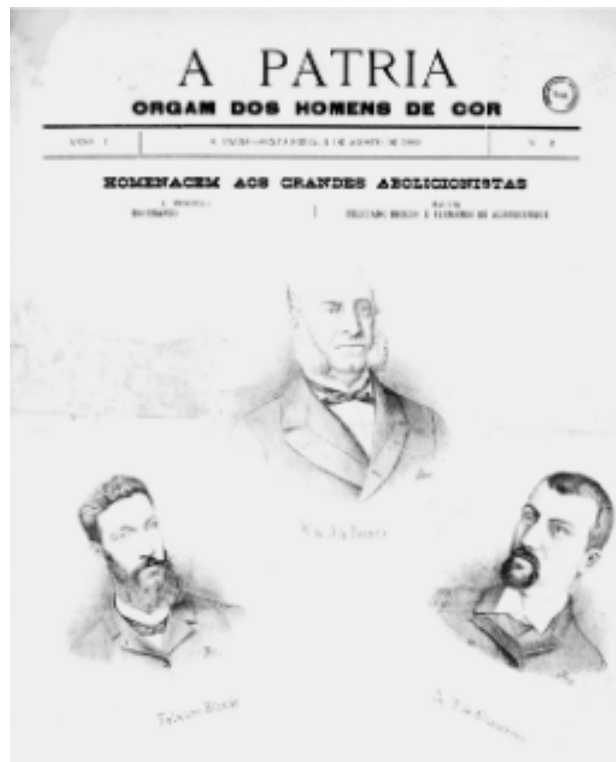
Fonte: Biblioteca Nacional Digital

Figura 2. Jornal- O Baluarte: São Paulo, 1903



Fonte: Biblioteca Nacional Digital

Figura 3. Jornal- A Pátria: São Paulo, 1889



Fonte: Biblioteca Nacional Digital

Conforme fora pontuado, deu-se destaque a tentativa de “higienização” da população brasileira. É importante explicar atentamente este processo, especialmente quando se considera a recente abolição, dentro do contexto histórico em questão. O Brasil havia acabado de vivenciar um período de quase 400 anos escravizando um grande percentual da população e, diante de muita luta e resistência abolicionista, a liberdade foi alcançada. Todavia, essa liberdade se deu sem nenhuma forma de garantia de inserção social para a população egressa do cativeiro, muito pelo contrário, os discursos e políticas higienistas foram alavancadas.

Diante de um cenário de racismo estrutural, coube às mesmas pessoas que lutaram pela abolição, permanecerem lutando contra as políticas de exclusão social, reivindicando condições dignas de vida para as pessoas negras, assim como de direito à participação na vida política. Os jornais utilizados durante a prática com os estudantes trazem manchetes que endossam esta perspectiva de reivindicação, luta e resistência.

Por fim, foi organizada a parte prática da oficina, ou seja, o momento em que os educandos iriam desenvolver suas atividades. Foram dadas as seguintes instruções: criar uma manchete, isto é, pensar em elementos como um lugar, um caso para compartilhar, uma denúncia ou a história de alguém; montar o jornal, ou seja, pensar no formato, no tamanho das letras e da história, se teria espaço para figuras; e a finalização, consultando os docentes para ajustar a matéria, a história e a estrutura dos jornais produzidos.

3. Letrar ludicamente para desenvolver a criticidade

O ser humano, enquanto sujeito histórico, é inerentemente lúdico. Mesmo que haja uma tentativa, diante do racionalismo da contemporaneidade, de ser extremamente racional, a ludicidade compõe e se manifesta de diversas maneiras nas ações humanas, não sendo possível uma dissociação dela, conforme defende o historiador Johan Huizinga, em sua célebre obra *Homo Ludens* (1980). Diante disso, dada a relevância do ensino de História para a formação humana, no âmbito das manifestações históricas, identitárias, políticas, culturais e sociais, é imprescindível que o ensino de História ande de mãos dadas com um processo que pode ser chamado de letramento lúdico, fincando suas raízes no desenvolvimento da criticidade.

O letramento lúdico, todavia, não caminha sozinho. Visto que ele é entrelaçado ao letramento artístico, ambos podem ser pensados como dois lados de uma mesma moeda. Assim, no campo educacional, acionar tais processos é uma ponte para o aprimoramento da sensibilidade

estética nos estudantes. E, aprimorar a sensibilidade estética é também um caminho para o desenvolvimento do pensamento crítico, bem como para a ampliação do repertório cultural (BARBOSA, 2014).

Menciona-se aprimoramento, pois acredita-se que todos os indivíduos possuem tal sensibilidade, também de forma inerente; ela precisa, contudo, ser lapidada e trabalhada, e a escola é um espaço ideal para este trabalho cognitivo. Porém, isso não ocorre nem deve ocorrer de forma vertical, isto é, hierarquizada. Mas, sim horizontal, em conjunto, na partilha de saberes. Uma vez que, todos os seres humanos carregam consigo uma bagagem cultural e, por mais que professor e aluno ocupem lugares sociais distintos, mas o fazer educativo deve ser interacional, um via de mão dupla, na qual todos educam e são educados ao mesmo tempo:

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que, ao ser educado, também educa. Ambos assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os argumentos da autoridade já não valem [...]. Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis, que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador, que os descreve ou os deposita nos educandos passivos. (Freire, 1975, p. 78)

Entre a ludicidade e a arte, jaz a criatividade. Porém, no modelo bancário de educação, criticado por Paulo Freire (1975), a instituição escolar tende a reprimir a criatividade, espaço de expressão de si, não estimulando-a. O que pode gerar desinteresse e, consequentemente, baixo rendimento. Logo, o estímulo à criatividade deve ser tomado como um princípio basilar no ensino, especificamente de História; ela não deve ser vista como um adorno, mas como um componente essencial (ALENCAR, 2001).

Diante de tais apontamentos, a oficina desenvolvida com os estudantes da Escola Estadual Maria Teresa Corrêa, durante o ESO III, ancorou-se na tríade -ludicidade, arte e criatividade- para ensinar História. Já tendo mencionado a estruturação da prática: instrumentalização do uso dos jornais, explanação do conteúdo histórico e organização da atividade.

4.O ensino de História e a consciência histórica

As práticas pedagógicas no ensino da História, ao longo do tempo, podem ser consideradas, a partir de uma abordagem reflexiva, agentes importantes para o desenvolvimento do pensamento crítico (HOOKS, 2020) e da apreensão de conteúdos, de modo que, tais perspectivas se alinham com os saberes correlatos aos processos étnico-identitários intrínsecos à fomentação dos processos

socioculturais auto-reflexivos e com poder de criticidade a partir da percepção da realidade observada.

Essa percepção da realidade é atravessada pelo tempo; passado, presente e futuro recortam o olhar, mesmo que inconscientemente, que os sujeitos direcionam para a realidade que os cerca. A consciência histórica mora nesta trama e, em suma, ela pode ser compreendida como a significação do tempo vivido coletivamente e o uso dessa significação para orientar a vida no presente. Para Jörn Rüsen a consciência histórica é: “A suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (2009, p. 57).

Entretanto, no ensino de História, o papel da educadora e do educador não é fornecer uma consciência a quem não tem, tampouco corrigir uma consciência histórica “errada”. Mas sim intervir de modo transformador no processo de conscientização, que já é inerente à todos os sujeitos, apresentando outras possibilidades de significar o tempo e usar esta significação para orientar as ações. E para tal operação é importante fazer uso de todas as ferramentas viáveis e favoráveis; e, no caso da atividade realizada durante o ESO III, cuja experiência é o enfoque deste debate textual, foi utilizada a arte educação. Utilizada, todavia, não como adereço ou suporte do processo de ensino-aprendizagem histórica, mas como aliada.

Ao expor aos estudantes recortes de jornais que foram palco de resistência diante das desigualdades raciais que demarcaram a Primeira República, bem como diante da exclusão da participação popular no processo de proclamação, foi feito um convite para que eles pudessem olhar, de modo crítico, para a realidade que os cercava, buscando compreender as exclusões e desigualdades dentro de suas próprias realidades. Esse entorno abarcava tanto a vida dos estudantes dentro como fora do ambiente escolar, isto é, na comunidade que moravam, na vivência cotidiana.

E, perceber-se criticamente dentro da própria realidade e no entrelaço da temporalidade que a circunda é atentar-se aos discursos que circulam nos espaços, que impulsionam as formações culturais e identitárias, que incluem e excluem os sujeitos, que formam o senso de pertencimento ou rejeição. Tendo em vista o fato de que “uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2006, p.50). Diante disso, perceber a cultura nacional como um discurso é compreender que ela é construída, podendo assim ser reconfigurada, tencionando combater as exclusões e rejeições e recriar uma nova cultura mais inclusiva na qual os sujeitos sintam-se pertencentes.

Nesse sentido, Fernando Cerri (2011) defende que o ensino de História é um campo favorável para instrumentalizar a consciência histórica dos sujeitos, formando a capacidade de pensar historicamente e de fazer uso, na vida prática e no cotidiano, no sentido coletivo e individual, das ferramentas que a História possui. Logo, a consciência histórica é fundamental para que os sujeitos possam posicionar-se criticamente no tempo e no espaço; agindo de forma ativa e política diante da História. Afinal, como diria Bloch (2001), a História serve à ação.

Servindo à ação, portanto, a História e o ensino da mesma devem ter direcionamento e intencionalidade explícitas. E na prática pedagógica aqui discutida foi, justamente, convidar as alunas e os alunos a analisarem suas próprias realidades, de modo crítico, buscando perceber os elementos de desigualdade, exclusão e rejeição que as permeavam; imprimindo tais percepções nas produções artísticas que fariam. Assim, os jornais que foram confeccionados na oficina, tal qual os produzidos na Primeira República e que foram levados para análise historiográfica, carregaram um caráter de manifesto-crítico. Podendo ser observada a maneira como os estudantes abordaram aspectos de seu cotidiano, notadamente, escolar.

Figura 4. Manchete produzida por estudante.

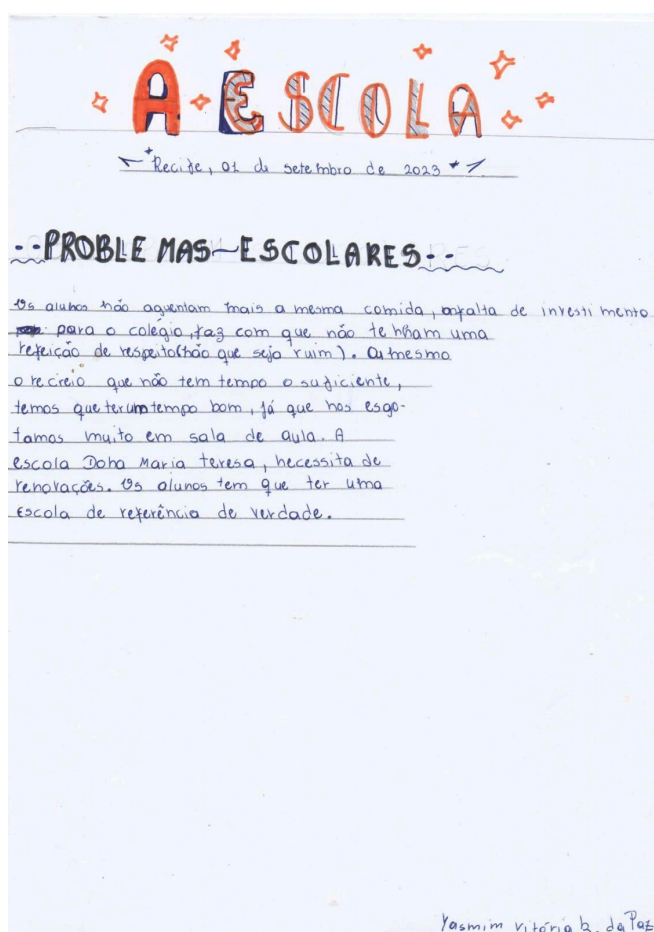


Figura 5. Manchete produzida por estudante.

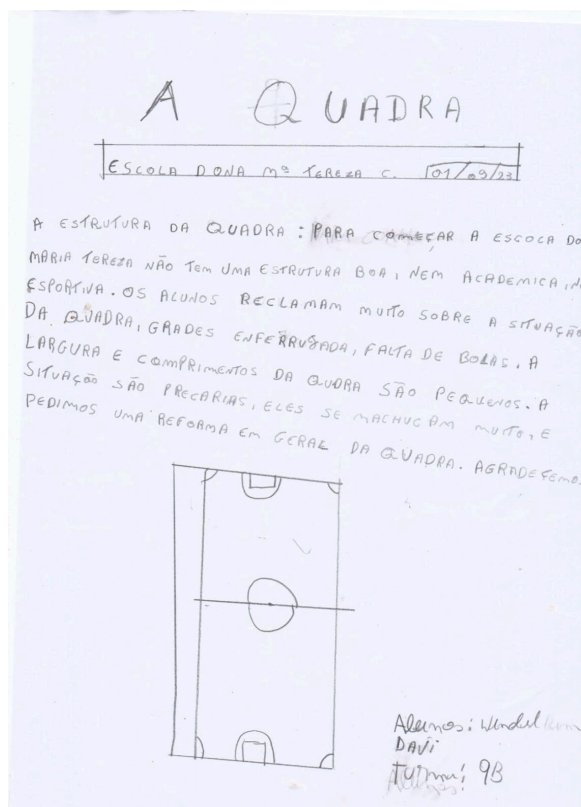


Figura 6. Manchete produzida por estudante.

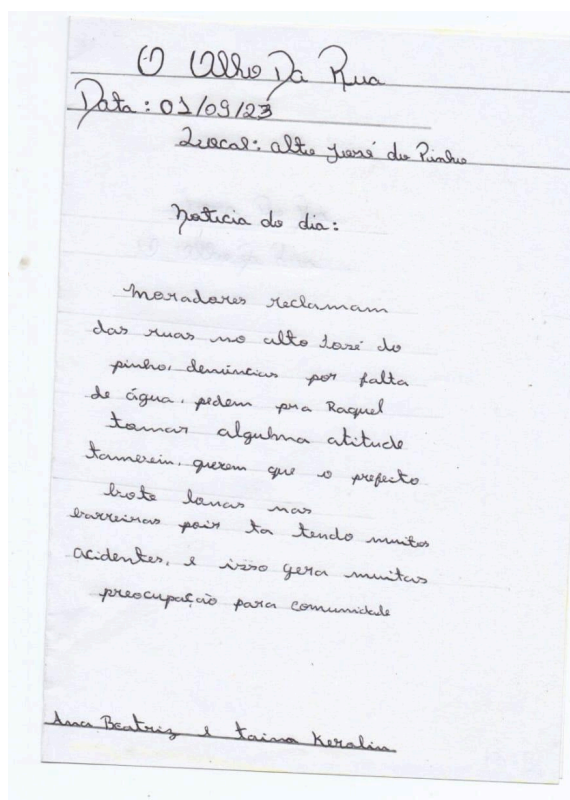


Figura 7. Manchete produzida por estudante.

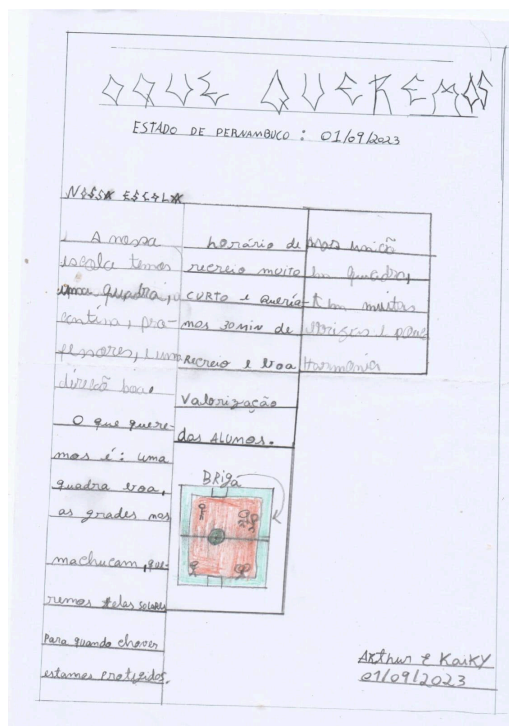


Figura 8. Manchete produzida por estudante.

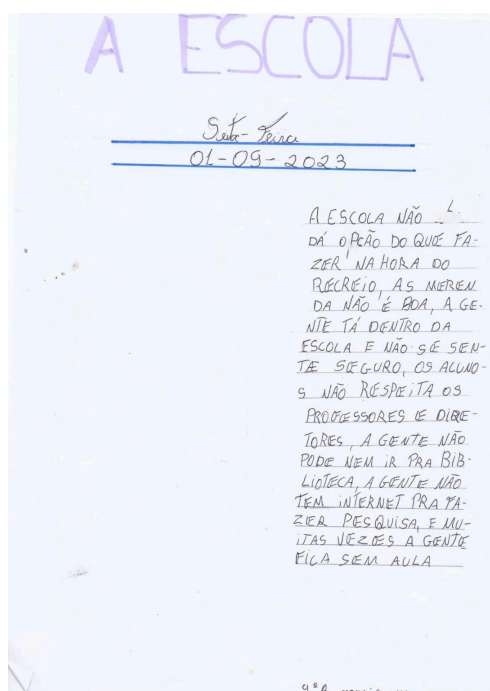
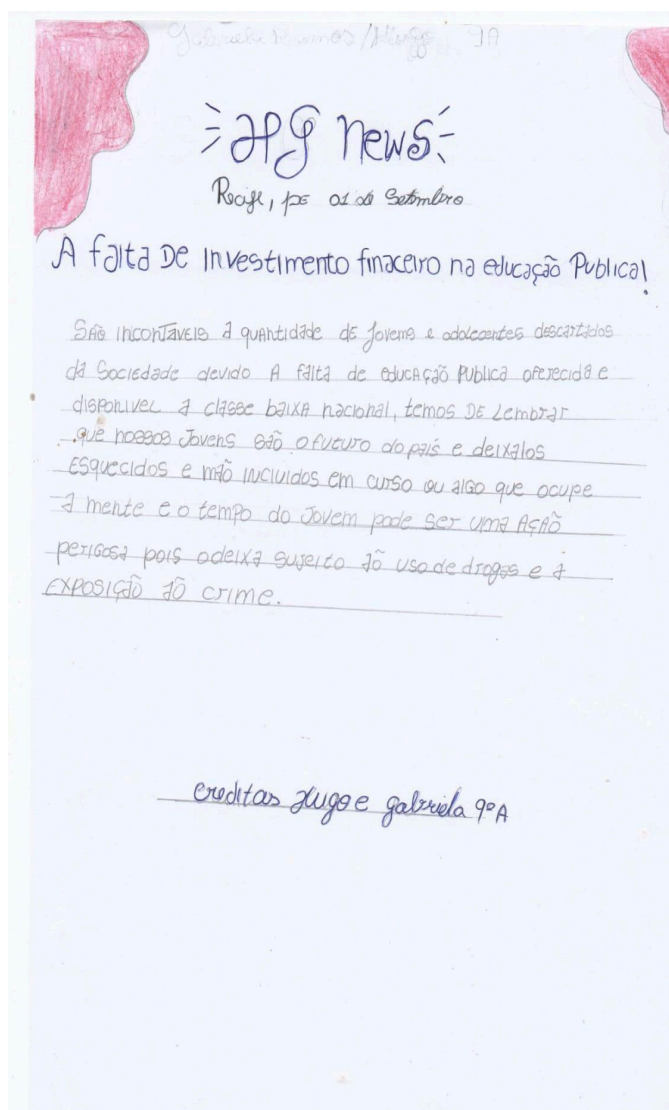


Figura 9. Manchete produzida por estudante.



As manchetes carregaram temas como “Problemas Escolares”, “A Quadra”, “A Falta de Investimento Financeiro na Educação Pública”, “A Escola”, “O que queremos” e “O Olho da Rua”, todos eles contendo uma carga crítica já na intitulação. Alguns com desenhos outros não, mas todos apresentando um corpo textual que indica que os estudantes estavam manifestando inquietações sobre aspectos de sua realidade, especialmente aquela vivenciada dentro do ambiente escolar.

Dar espaço à criatividade durante a prática pedagógica mostrou-se como uma ferramenta que favorece, de fato, a expressão de si, de um senso crítico e de um olhar mais atento ao contexto em que se está inserido. É um caminho, portanto, para trabalhar e lapidar a consciência histórica

dos jovens sujeitos da educação. Permitindo que usufruam de um espaço que deve ser legítimo no processo educacional que é o de se expressar criativamente.

5. Reflexões necessárias:

Trabalhar, através do ensino de História, a partir do prisma da arte educação, a consciência histórica e a criticidade dos estudantes da Escola Estadual Maria Teresa Corrêa, ao mesmo tempo que foi desafiador, foi bastante profícuo. O retorno foi palpável e visível, impresso nas manchetes confeccionadas no desenrolar da oficina.

Foram mencionados os aspectos norteadores da prática. Um dos pilares, entretanto, que não pode ser relevado e que arraigou a atividade foi o uso da amorosidade como fundamento da prática educativa. A amorosidade estreita os laços entre docente e discentes, permitindo uma vivência escolar mais leve e livre das amarras da verticalidade.

Segundo Paulo Freire, a amorosidade relaciona-se ao ato de comprometer-se com o outro, respeitando a dignidade humana e rejeitando qualquer forma de opressão; em consonância, bell hooks apresenta o amor como uma prática de liberdade e responsabilidade coletiva, sendo um motor para transformações sociais (MACHADO, 2022). Logo, desde a concepção até a prática, a oficina fincou-se na amorosidade, buscando, inclusive, aproximar-se das múltiplas formas de ser e existir dos estudantes.

É importante destacar que o ato de dar espaço para que os estudantes pudessem se expressar criativamente, demonstrando suas inquietações através da arte, é atravessado pela pedagogia freireana da autonomia. Resignar-se ao que está posto enquanto realidade vai contra uma postura crítica e orientada pela História. Logo,

É preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos. (Freire, 2011, p.28)

Além disso, levando em conta que o ensino de História deve assumir a responsabilidade de trabalhar a consciência histórica, conforme supracitado. Ou seja, lapidar o entender-se no tempo como sujeito histórico. Cabe dialogar com a colocação de Alberto Rivero, ao discutir o papel do ensino de História no desenvolvimento da cidadania: “Recordar algo é, então, entretecer a experiência da ativação consciente desses traços do passado no fluxo de ações atuais e, assim,

dar-lhes significado” (2004, p.60). Ao apresentar, durante a aula, as desigualdades que permearam a Primeira República e uma das estratégias de resistência popular, foi possível ativar a percepção dos estudantes acerca das permanências históricas, bem como a possibilidade de resistir.

Este exercício permite compreender o passado e usar essa compreensão a fim de instrumentalizar a ação no presente, vislumbrando um projeto futuro de sociedade mais justa e igualitária. Desse modo, o caminho traçado durante o desenvolvimento da atividade prezou por essa dinâmica de compreensão significativa da trama da temporalidade. E, num olhar para o presente, as alunas e os alunos envolvidos depositaram em suas produções esta percepção de atribuir significado ao tempo.

6.Considerações finais:

A experiência é um campo fértil para a concepção de pesquisas. E foi no “chão da escola”, no desenrolar de uma vivência pedagógica que esta pesquisa, enquanto relato de experiência, surgiu, a partir da partilha, da troca de saberes, na dialogicidade. Ensinar História em diálogo com uma concepção artística (e em diálogo com os jovens sujeitos da educação) é um antídoto ante as tentativas de imputar uma educação bancária, que tolhe as subjetividades, a criatividade e a liberdade de poder expressar-se de modo crítico.

Por outro lado, o uso de fontes históricas durante a aula de História, especificamente dos jornais, não deve ser algo meramente ilustrativo, isto é, um elemento que venha ilustrar o conteúdo ensinado. Mas, sim, uma ferramenta que por si só é educativa, desde que haja a devida contextualização teórico-metodológica no uso. É educativa, pois, além de permitir que os envolvidos, no caso os estudantes, possam se colocar no lugar de historiadoras e historiadores, analisando criticamente as fontes, permite também que estes compreendam um pouco da dimensão do fazer historiográfico.

Dessa forma, usada ferramenta aliada no processo educativo, a análise dos jornais se mostrou como um dispositivo capaz de favorecer a aprendizagem histórica e a ação dos estudantes, enquanto agentes históricos, no sentido de construírem algo que viesse a carregar o modo como enxergavam suas realidade, fazendo uma ponte temporal com o passado.

A experiência vivenciada durante o ESO III, na Escola Estadual Maria Teresa Corrêa, com as alunas e alunos do 9º ano, foi de extrema relevância na formação pedagógica das licenciandas envolvidas. Pois, é na práxis que a educadora e o educador se fazem enquanto tal. É também na vivência no ambiente escolar que as experiências construtivas favorecem a formação enquanto

historiadora e historiador, na medida que se aprende, na prática, que a História está em curso e que todos são agentes dela. Fazendo-o sempre em diálogo com o outro, sendo a educação o fio que tece as tramas da sociabilidade.

7. Referências Bibliográficas

ALENCAR, Eunice Soriano de. **Criatividade e Educação de Superdotados**. Petrópolis ,RJ: Vozes, 2001.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (orgs.). **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: J. Zahar, v. 200, p. 1, 2001.

CANO, Márcio Rogério de Oliveira (org.). **A Reflexão e a Prática no Ensino (coleção): História**. São Paulo: Blucher, 2012.

CARRETERO, Mário (et al). **Ensino da História e Memória Coletiva**. Porto Alegre: Artmed, 2007. (Pp. 13-30)

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, Cap. 2 .

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e Consciência Histórica**. Implicações didáticas de um discurso contemporâneo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

HALL, Stuart. As culturas nacionais como comunidades imaginadas.in: **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1980

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi.. São Paulo: Contexto, 2005.

MACHADO, Regina Stela; CARVALHO, Daniele Maria Soares de et al. **Amorabilidade na educação: interlocuções entre Paulo Freire e bell hooks para a construção de uma educação antirracista**. VIII EPEPE, 2022.

MORAES, Camila Borges; SANTOS, Carina Carmo; PEREIRA, Sheila Freitas. **Revisitando a proposta triangular na concepção e prática do arte/educador**. UNIFAP, 2018.

RIVERO, Alberto Rosa. **Memoria, historia e identidad: una reflexión sobre el papel de la enseñanza de la historia en el desarrollo de la ciudadanía**. In CARRETERO y VOSS. Aprender y pensar la historia. Buenos Aires: Amorrortu, 200.

RÜSEN, Jörn. **Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história**. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, v. 2, n. 2, p. 163-209, 2009.

ANEXO

A revista escolhida para servir de modelo para este TCC foi a Revista Clio (UFPE) : <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/about/submissions>

Diretrizes para Autores

A Revista CLIO publica artigos (Dossiê ou artigos livres), resenhas e entrevistas na Área de História, em português, espanhol e inglês.

A submissão e o processamento de artigos é livre de custo para os autores.

Compete ao Conselho Editorial a apreciação acerca da pertinência da proposta de submissão em relação à linha editorial da Revista.

A política para avaliação dos artigos, resenhas e entrevistas está fundamentada nos princípios de análise por pares, especialistas no tema do artigo/resenha, em sistema “duplo cego”.

A Clio: Revista de Pesquisa Histórica adota a licença CC-BY-NC como forma de atribuição de Acesso Aberto.

Como parte do processo de submissão, os autores devem verificar sua conformidade, em relação a todos os itens listados a seguir:

O autor/os autores do texto deve/devem ter titulação mínima de Mestre.

O texto deve ser inédito e ter entre 8.500 e 16.000 palavras (não se aplica as entrevistas);

As resenhas devem ter no máximo 8.500 palavras e serem de livros publicados nos últimos 3 anos.

Deve ser fornecido um resumo, em português e inglês, de 120 a 150 palavras (não se aplica a resenhas e entrevistas); Três a cinco palavras-chave, em português e inglês, devem ser indicadas;

Todas as menções que permitam indicar a autoria, direta ou indiretamente, devem ser removidas do texto e das propriedades do arquivo;

O texto deve ser submetido em um arquivo de texto em formato docx;

Todas as imagens, quadros, gráficos, tabelas, mapas, etc. devem aparecer no texto, numeradas sequencialmente e acompanhadas de um título, e de sua respectiva fonte;

Só serão publicadas imagem que sejam de objeto de análise nos textos (Não serão publicadas imagem de caráter meramente ilustrativo);

Todas as imagens devem ser de comprovado domínio público ou acompanhadas de documento que ateste a cessão do seu copyright para o autor/os autores do texto;

As citações menores de três linhas devem ser incorporadas, entre aspas, diretamente no texto, e as maiores devem ser destacadas com recuo, sem aspas (a referência devem ser dada em nota de rodapé);

As citações em língua estrangeira devem ser traduzidas;

É necessário incluir as referências bibliográficas ao final do artigo.

Cada autor deverá informar, no ato da submissão, sua titulação, sua função atual, a Instituição e o Departamento ao qual está vinculado, seu e-mail e seu [ORCID \(Open Researcher and Contributor ID\)](#);

NORMAS DE REFERÊNCIA

As citações, diretas ou indiretas, de material bibliográfico ou fontes devem ser feitas conforme as normas a seguir.

Fontes:

Damião de Góis, *Opúsculos históricos*, Porto: Livraria Civilização, 1945, pp. 114-116.

Sebastian de Covarrubias Orozco, *Emblemas Morales*, Madrid: Luis Sanchez, 1610. p. 546v.

As referências à documentação de arquivo devem refletir o o arranjo e a hierarquia da instituição custodiadora. Dessa forma, na primeira menção devem vir, em ordem e separados por vírgulas, o

Campinas, 2001, p. 183, www.ifch.unicamp.br/ihb/estudos/TupiTapuia.pdf.

Citações seguintes: Monteiro, “Tupis, tapuias e historiadores”, pp. 97-103.

Anais de eventos

Flávio de Sá Cavalcanti de Albuquerque Neto, “O panoptismo e a Casa de Detenção do Recife”, XXII Simpósio Nacional De História, João Pessoa: ANPUH, 2003, pp. 15-20.

Recurso digital

John A. Hobson, “Imperialism, a study”, *Marxists Internet Archive*, <http://www.marxists.org/archive/hobson/1902/imperialism/index.htm>.

Citações seguintes: Hobson, “Imperialism”.

Palestra

Verena Alberti, “O professor de história e o ensino de questões sensíveis e controversas”, Palestra proferida no IV Colóquio Nacional História Cultural e Sensibilidades, Caicó, 2014.

Declaração de Direito Autoral

Ao submeter um artigo à *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica*, o(a) autor(a) declara que o trabalho é original, não contém declarações caluniosas ou difamatórias e não infringe quaisquer direitos de propriedade intelectual, comercial ou industrial de terceiros.

A *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica* é integralmente publicada sob a licença Creative Commons Atribuição–Não Comercial (CC BY-NC). Nessa modalidade, o(a) autor(a) mantém os direitos autorais sobre a obra e autoriza a revista a publicá-la, distribuí-la e adaptá-la para fins não comerciais, em qualquer meio ou formato, desde que seja atribuída a devida autoria.

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

Enviar Submissão